

Você é feminista, mas talvez não saiba

Você acha normal a mulher receber 77% do salário pago aos homens? É justo mulheres trabalharem mais horas do que os homens? Segundo o Estudo de Gênero, publicado em 2018 pelo IBGE, as mulheres brasileiras trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, mas recebem, em média, 76,5% do rendimento deles.

Como você se sente ao saber que 13 mulheres são assassinadas diariamente no nosso país, vítimas de feminicídio? Os dados são do Atlas da Violência 2018, organizado pelo IPEA, que revela que o número de assassinatos de mulheres no Brasil aumentou 6,4% em dez anos.

Se essas informações te causam indignação, você provavelmente entende a importância da luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. O nome disso é feminismo. Um movimento que há mais de um século vem garantindo conquistas importantes para a sociedade.

Não faz muito tempo, as mulheres precisavam de autorização do marido para trabalhar e não tinham sequer direito a um CPF, que dirá uma conta no banco. Isso acontecia no Brasil até 1962. Foram as lutas feministas que deram autonomia e liberdade às mulheres (saiba mais nas páginas 03 e 04).

Por que, então, o feminismo atrai tanta polêmica e preconceito? "O feminismo pretende realizar uma mudança de cultura, inclusive na forma como o poder é exercido em nossa sociedade. Por isso, é alvo de calúnias e difamações", explica Anacélie Azevedo, Secretária Geral do Sindipetro-PR/SC e técnica química na Repar.

FUP
FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIRAS

Março de 2019
Informativo do

Coletivo Nacional
de Mulheres
Petroleiras | FUP



@mulherespetroleiras



Nem tudo são flores. 8 de março não é uma data comercial

Para muitos, o 8 de Março é apenas um dia para dar flores e homenagear as mulheres. Mas, diferentemente de outras datas comemorativas, esta não foi criada pelo comércio. Sua origem é operária e socialista. É uma data de luta, com diversas mobilizações ao redor do mundo, por igualdade de direitos.

Uma luta que remonta ao início do século 20, quando operárias dos Estados Unidos e da Europa realizaram inúmeras greves e mobilizações por condições dignas de trabalho e pelo direito ao voto. Os movimentos impulsionaram a 1ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, realizada em 1907, com a presença de importantes intelectuais marxis-

tas da época, como Alexandra Kollontai, Clara Zetkin e Rosa Luxemburgo, que defenderam a unidade internacional em torno da luta pelo voto feminino.

Um incêndio, em março de 1911, causado por condições desumanas de trabalho a que eram submetidas as mulheres de uma fábrica têxtil em Nova Iorque, matou 125 operárias, entre 13 e 23 anos, e 21 homens, a maioria judeus. Várias mobilizações de mulheres por condições dignas de trabalho e direito ao voto eclodiram ao redor do mundo.

Em 08 de março de 1917 (27 de fevereiro no calendário russo), uma greve das tecelãs de São Petersburgo tornou-se o estopim da Revolução Russa. As internacionais socialistas transformaram a data em símbolo das lutas feministas. A partir de 1922, o Dia Internacional das Mulheres passou a ser celebrado oficialmente neste dia. Em 1975, a ONU reconheceu 8 de março como Dia Internacional da Mulher.

Onde estaríamos sem o feminismo?

página 2

Machismo corporativo

página 3

"Ser feminista não é uma escolha, é uma necessidade"

Entrevista com Andressa Delbons

página 4

Machismo corporativo

FEMINISMO É A
IDEIA RADICAL
DE QUE MULHERES
SAO GENTE!

Onde estariamos sem o feminismo?

Ao longo da história, as lutas por direitos para as mulheres resultaram em conquistas fundamentais, que muitas vezes passam despercebidas pela maioria das pessoas. O direito das mulheres ao ensino, ao voto, ao trabalho, à liberdade de ir e vir, às escolhas de seus amores... tudo isso foi conquistado com muita luta. Nada caiu do céu ou foi concedido pelos homens. Conhecer alguns marcos dessa luta é fundamental para preservar as conquistas e ampliar direitos que estão constantemente sob ataque.

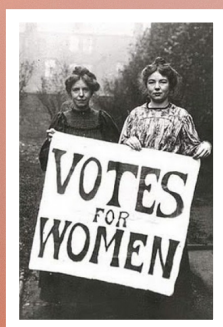
A luta das mulheres por igualdade de direitos muitas vezes é desqualificada, principalmente no ambiente corporativo, onde o feminismo ainda é tratado como vitimismo e mi-mi-mi. Não é raro ouvir frases do tipo "feminismo é coisa de mulher que tem raiva dos homens", "pra quê feminismo se homens e mulheres são tratados da mesma forma?", "quem é competente não precisa de feminismo", "feminismo é um plano de dominação e vingança das mulheres"...

Por mais absurdas e preconceituosas que sejam, essas declarações encontram eco em uma sociedade onde o machismo ainda permeia as relações sociais e familiares. No Sistema Petrobrás não é diferente. As trabalhadoras representam pouco mais de 16% dos quadros da empresa e apenas 18% dos cargos de liderança são ocupados por mulheres.

Muitas petroleiras são vítimas de assédio e convivem diariamente com colegas de trabalho que defendem abertamente posicionamentos machistas.

Na rede de comunicação interna da empresa, são comuns comentários jocosos, criticando e desqualificando programas e projetos relacionados aos direitos das mulheres e ao público LGBT.

Desde 2006, a Petrobrás tem o selo de Pró-Equidade de Gênero e Raça, criado pelas Nações Unidas e, há quase dez anos, adotou os Princípios de Empoderamento das Mulheres que fazem parte do Pacto Global da ONU. Mas, apesar dessas importantes iniciativas corporativas, as mulheres ainda enfrentam muitas dificuldades no trabalho. "O machismo está presente em várias decisões dos gestores, como, por exemplo, a intransigência em relação às faltas ou atrasos das petroleiras que acompanharam os filhos em emergências médicas. Quem mais sofre com isso são as mães que estão solteiras. A maioria dos colegas homens não compreende a situação, especialmente quando têm uma esposa que cuida disso por eles", destaca Priscila Patrício, técnica química de petróleo na Transpetro e diretora da FUP.



1827 | mulheres

passam a ter permissão para cursarem o ensino fundamental no Brasil, mas só garantem o direito de entrarem na universidade em 1879

1893 | Nova

Zelândia é o primeiro país no mundo a garantir o voto feminino

1932 | mulhe-

res brasileiras conquistam o direito ao voto

1945 | Carta

das Nações Unidas, que rege a criação da ONU, reconhece a igualdade de direitos entre homens e mulheres

1960 | a

pílula anti-concepcional passa a ser comercializada

1962 | após mais de uma década de lutas no

Congresso Nacional, as mulheres brasileiras conquistam mudanças importantes no Código Civil, garantindo autonomia para que pudessem trabalhar, realizar transações financeiras, receber heranças, fixar residência, requisitar a guarda dos filhos, entre outros direitos que antes dependiam de autorização do marido ou de outro homem que exercesse o pátrio poder sobre elas



Por Jancileide Morgado, diretora do Setor Privado do Sindipetro-NF,



e Bárbara Bezerra, Técnica de Segurança da UO-BC

Por mais mulheres a bordo

Você sabe quantas mulheres trabalham em uma plataforma? Você sabe quais as funções?

Sim, são poucas. Em média, apenas 3% do quadro de embarcados é feminino. Muitas vezes apenas 1%. E em algumas embarcações, não há vagas femininas. Mas, e as funções? São distintas para homens e mulheres? Na maioria das vezes, não. Vemos duas funções como maioria de ocupação feminina, que é a Técnica em Química e a Comissária de Bordo. No mais, as funções são majoritariamente masculinas.

Mas, por que será que isso acontece? Será que as mulheres não têm habilidades para as demais funções? Se fizermos uma pequena pesquisa histórica, vemos que houve gerentes femininas, existem Coordenadoras, Mestre de Cabotagem, Rádio operadoras, Operadoras de Produção, Supervisoras, Pintoras, Soldadoras, Técnicas em Segurança e Enfermagem. O que nos leva a concluir que não faltam habilidades, nem disposição das mulheres em realizar atividades prioritariamente "masculinas".

Todavia, faltam leitos femininos. Faltam vagas femininas. As plataformas estabelecem um número ínfimo de camarotes femininos, o que dificulta as mulheres serem um número maior em nossa categoria. E sabe qual a diferença de um camarote feminino para um masculino? Nenhuma! Exceto que o feminino é mais limpinho e cheiroso!

Portanto, que tal um GEPLAT tornar sua plataforma mais feminina, ofertando um número maior de camarotes para tal?

Garanto que somos competentes e contribuimos positivamente para a melhoria do ambiente de trabalho. Nossas "Ilhas de ferro" já são hostis por natureza, não precisamos de mais empecilhos para torná-las um ambiente de trabalho misto e com direitos iguais.

Vem aí o 7º Encontro Nacional de Mulheres Petroleiras

O Encontro Nacional de Mulheres Petroleiras acontece anualmente, e os sindicatos da FUP se revezam na organização do evento, que neste ano acontecerá entre os dias 5 e 7 de abril em Vitória, no Espírito Santo. É um encontro organizado por mulheres, para mulheres.



Coletivo durante último encontro em Natal RN

Petroleira, procure o seu sindicato para saber como participar. Não perca essa oportunidade!



1974 | na Argentina, Isabel Perón é eleita a primeira mulher no mundo a presidir um país

1977 | o divórcio passa a ser garantido no Brasil, através de mudanças na legislação, que permitiram à mulher se divorciar apenas uma única vez

1985 | é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), que será fundamental nas lutas por igualdade de direitos no Brasil

1988 | o movimento feminista, com a articulação de 26 deputadas federais constituintes, conquistam avanços na Constituição Federal para as mulheres, como a igualdade de direitos com os homens na vida civil, no trabalho e na família. Foi garantida a licença maternidade remunerada de 120 dias e proibido discriminações de salários e cargos, em função do sexo

2006 | Lei Maria da Penha cria mecanismos para coibir e punir a violência sofrida pela mulher, seja em forma de agressão, ameaças ou assédio

2010 | Dilma Rousseff é eleita a primeira mulher presidente do Brasil

2015 | Lei do Femicídio transforma em crime hediondo homicídio de mulheres por questões de gênero

"Ser feminista não é uma escolha, é uma necessidade"



Entrevista com Andressa Delbons, que assume a Coordenação do Coletivo de Mulheres Petroleiras da FUP

A técnica de operação da Refinaria Duque de Caxias, Andressa Delbons, 32 anos, enfrenta diariamente os desafios de ser mulher em um ambiente de trabalho majoritariamente masculino. "Ser feminista não é uma escolha, é uma necessidade no meu dia a dia", afirma.



Andressa ingressou na Petrobrás em 2008, aos 21 anos de idade, quando assumiu o cargo de técnica de operação na segunda maior refinaria do país.

Percebeu logo que precisava reagir contra as discriminações e precarização das condições de trabalho que atingem em cheio as mulheres petroleiras. Foi assim que começou a participar das atividades sindicais.

Em seu segundo mandato no Sindipetro Caxias, ela é também uma das oito mulheres que integram a Diretoria Plena da FUP, o que representa 22% do total de integrantes. "As petroleiras precisam ocupar mais os espaços de representação, mas esse avanço só virá com a participação ativa das trabalhadoras junto aos seus sindicatos", declara.

Esse é um dos desafios de Andressa, que acaba de assumir a Coordenação do Coletivo de Mulheres Petroleiras da FUP: "Espero contar com a colaboração das petroleiras para que juntas possamos avançar, não só nas pautas específicas das mulheres, mas também na representação de toda a categoria. A perspectiva dos próximos anos é de ataques à classe trabalhadora e precisamos estar unidas para barrar possíveis retrocessos, barrar as privatizações e garantir a manutenção dos nossos direitos conquistados com luta, sangue e suor".

Como é ser feminista em uma empresa majoritariamente masculina, como é o Sistema Petrobrás?

Ser feminista não é uma escolha: é uma necessidade no meu dia a dia. Eu trabalho no chão de fábrica, ambiente majoritariamente masculino. Junto com uma colega, fomos as primeiras técnicas de operação da primeira unidade de processo em que trabalhei na Reduc.

Muitas mulheres lutaram para que hoje eu pudesse votar, estudar e trabalhar sem precisar da anuência de um homem. Tenho a obrigação de valorizar isso.

Estar desempenhando a função que exerço hoje na Petrobrás é fruto da ideia de que homens e mulheres devem ter oportunidades iguais, e isso é uma das ideias propagadas pelo feminismo.

Houve mudanças importantes para as mulheres no ambiente de trabalho

desde que você ingressou na Petrobrás?

Houve um tempo em que as mulheres não podiam sequer se inscrever no concurso para o cargo que exerço na Petrobrás. A função era estritamente masculina. Hoje, o número de mulheres na área operacional vem aumentando, inclusive em posições de liderança. Infelizmente, as ações para acolhimento das mulheres nem sempre são efetivas e por isso recebemos muitas denúncias de assédio moral e sexual, mas acredito que aos poucos estamos avançando. Já houve adequação em várias áreas da Petrobrás para atender às demandas das mulheres, como implantação de vestiários femininos nas unidades operacionais, instalação de salas de amamentação, designação de camarotes femininos nas plataformas, coisas que há alguns anos atrás seriam impensáveis

Hoje as mulheres são 22% da diretoria da FUP. É a maior representação feminina da história da entidade. Dá para avançar mais? Como está hoje a participação das petroleiras no movimento sindical?

Eu entendo que o movimento sindical idealmente deve ser reflexo da categoria que representa. E isso só se dá com a participação ativa dos trabalhadores e trabalhadoras junto aos sindicatos. Com o aumento da quantidade de mulheres nas bases do sistema Petrobrás, devemos ter um aumento também no percentual de mulheres nas direções dos sindicatos, federações, confederações e centrais. Na CUT, por exemplo, que é a central à qual o meu sindicato é filiado, a direção é composta por 50% de mulheres. Então penso sim, que existe espaço para avançar e reitero que esse avanço só virá com a participação ativa das trabalhadoras junto aos seus sindicatos.

Quais os desafios do Coletivo de Mulheres Petroleiras nesse momento de tantos retrocessos sociais?

Nossos objetivos centrais são formar e organizar as mulheres petroleiras pelo país, barrar as privatizações, garantir o efetivo exercício dos direitos contidos na CLT e no nosso Acordo Coletivo de Trabalho e avançar na construção de um ACT que garanta melhor qualidade de vida para petroleiras e petroleiros. Não aceitaremos retrocesso, independente de quem estiver no governo. Nosso lema continua sendo "Nenhum direito a menos!".